

Os Efeitos de Sentido dos Hipertextos nos Gêneros da Web: dialogismo e virtualização

Rodrigo Acosta Pereira¹

RESUMO: A presente pesquisa objetiva apresentar uma breve discussão sobre os efeitos de sentido dos hipertextos na constituição enunciativo-discursiva de gêneros no ambiente virtual. Para tanto, revisitam-se postulações teóricas com base em diferentes autores em Linguística, Linguística Aplicada, Comunicação Social e Sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros virtuais; hipertexto; efeitos de sentido; discurso

Introdução

Tecnologia, sociedade e as diferentes transformações sócio-histórico-culturais têm sido um dos aspectos centrais de discussões atuais em Sociologia, Linguística Aplicada, Educação, Comunicação e outras ciências que objetivam, dentre outras metas, compreender a penetrabilidade dos meios de comunicação em nossas práticas sociais cotidianas. Como postula Castells (1999), em todos os campos de atividades sociais, a tecnologia de informação pode ser considerada ponto central para análise da complexidade da nova economia, sociedade e cultura em formação. Sob essa perspectiva, o que objetivamos nessa breve discussão, é entender como, com o avanço de gêneros emergentes em ambiente virtual, os hipertextos direcionam o leitor em determinados efeitos de sentido, construindo um elo de cooperação e negociação entre autor, texto e leitor nessa situação de interação mediada e midiaticizada pelo ciberespaço.

Para tanto, buscaremos (a) compreender a relação dialógica entre virtualização, hipertextualidade e hiperdiscursivização; (b) discutir o entrecruzamento entre gênero digital e interatividade e (c) desconstruir os efeitos de sentido construídos pelos hipertextos na constituição e funcionamento do gênero no ambiente digital.

¹ Doutorando em Linguística da UFSC. Professor de Língua Portuguesa da UFRN.

2 Virtualização, hipertextualidade e hiperdiscursivização

Para Lévy (2007), a virtualização pode ser concebida como um movimento inverso ao da atualização. Haja vista que por atualização se entende toda criação, ou invenção de uma determinada forma a partir de uma confluência entre forças e finalidades, a virtualização apresenta-se como uma passagem do atual para o virtual. Em outras palavras, para o autor, virtualizar é desterritorializar, isto é, desprender modalidades temporais e espaciais, além de (re)projetar situações de interação. Nesse processo descontínuo de reprojetar espaços e desterritorializar dimensões espaço-temporais, o sujeito encontra-se submerso a contínuas reconstruções de redes de comunicação. É sob essa perspectiva, que, ao virtualizar as situações de interação, virtualiza-se o material pelo qual as interações são mediadas – a linguagem.

Ao se deparar com os diversos gêneros que circulam no ciberespaço, o sujeito encara a funcionalidade dos hipertextos – textos tecidos por meio de fios dialógicos virtuais que se entrecruzam na construção de sentido dos diversos gêneros que no ambiente digital são veiculados -.

É dessa forma que a virtualização dos gêneros dá espaço para a hipertextualidade e hiperdiscursivização. Para Lévy (2007, p. 37), o hipertexto leva o sujeito a hierarquizar, selecionar, escolher, ligar, conectar-se a diferentes sentidos, textos e discursos.

Marcuschi (2007, p. 150-151) discute as particularidades do hipertexto, pontuando que, entre as características que determinam a natureza do hipertexto, apontam-se as seguintes: (a) não-linearidade; (b) volatilidade; (c) topografia; (d) fragmentariedade; (e) acessibilidade ilimitada; (f) multisemiose; (g) interatividade e (h) iteratividade.

A não-linearidade discursiva do texto diz respeito às diversas possibilidades de navegação que o hipertexto permite aos usuários. O sujeito não mais se prende à seqüenciação das páginas impressas (presas à linearidade marcada pela numeração progressiva), mas possui livre escolha para os mais diferentes acessos a caminhos diversos a outros textos. Tida como uma característica central do hipertexto, a não-linearização permite ao usuário optar, selecionar e configurar seu próprio roteiro de leitura. Aponta-se para “a flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas e sugeridas [...] que constituem redes que permitem a elaboração de vias navegáveis” (MARCUSCHI, 2007, p. 150).

Pelo hipertexto não apresentar a mesma estabilidade dos textos em material impresso, a volatilidade passa ser, em adição a não-linearização, uma de suas características de constituição. O hipertexto é um fenômeno essencialmente virtual; dessa forma, as escolhas e sugestões são infinitas, assim como são infinitas as possibilidades de relações entre os diversos textos que circulam no ciberespaço.

A dialogicidade inerente aos textos que se cruzam no ambiente digital, não só faz com que o sujeito se engendre na rede de entrecruzamento dialógico destes textos, como seja o autor deste processo.

O sujeito usuário do hipertexto, o seleciona para seu roteiro de navegação, possibilitando que este hipertexto, após outras seleções de navegação, entre em relações dialógicas com outros. O roteiro de navegação do sujeito usuário é construído por meio das suas diversas seleções de hipertextos, os quais, por sua vez, se engendram nas mais variadas relações de dialogicidade no ambiente digital.

Quanto à topografia, pode-se afirmar que o hipertexto não apresenta hierarquias. Seu espaço de escrita e leitura não possui limites definidos para se desenvolver. Para Lévy (2007, p. 42), o texto passa ser uma problemática textual, isto é, a partir de um texto inicial, o sujeito usuário (o navegador) terá a possibilidade de resgatar uma reserva infinita de outros textos. Essas escolhas interferirão no sentido de sua leitura ou escrita. Além disso, ao acessar um *continuum* de textos, o navegador passa a estar submerso a uma grande quantidade de informações e outros textos que estarão à espera de sua regulação.

A fragmentariedade, para Marcuschi (2007, p. 151), consiste na irregularidade de administração das informações (re)visitadas. O sujeito que navega não possui controle sobre os textos à disposição, assim como o autor não tem mais controle do seu leitor. Lévy (2007, p. 38), argumenta que

Virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela faz surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito freqüentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e, portanto são recebidas fora de contexto. Do lado da leitura, teve-se que redefinir padrões não-sequenciais.

A acessibilidade ilimitada diz respeito à imensa rede de acesso do hipertexto aos mais variados sítios da Internet. O sujeito tem a capacidade e possibilidade de navegar pelos mais diferentes *sites* e ligar-se às mais variadas informações por meio dos hipertextos. Para Marcuschi (2007, p. 151), “o hipertexto acessa todo o tipo de fonte [...], não experimenta limites quanto às ligações que permite estabelecer”.

Acerca da multissemiose, pode-se compreender a confluência entre diferentes manifestações semióticas da linguagem. O hipertexto possui a liberdade de se construir por meio do cruzamento multimodal de discursos. “Este traço caracteriza-se pela possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal [...] de forma integrativa, impossível no caso do livro impresso” (MARCUSCHI, 2007, p. 151).

A interatividade², por sua vez, refere-se a uma interconexão dialógica entre autor, navegador e textos. Em outras palavras, é a contínua relação entre sujeito usuário e diversos autores que se sobrepõem nas diversas situações interativas de uso dos hipertextos. Para Marcuschi (2007, p. 151), a interatividade é propiciada pela multissemiose e pela ilimitada acessibilidade.

A iteratividade “diz respeito à natureza intrinsecamente intertextual marcada pela recursividade de textos ou fragmentos na forma de citações, notas, consultas, etc.” (MARCUSCHI, 2007, p. 151). Em síntese, para o autor

De modo geral, essas propriedades do hipertexto o tornam um fenômeno essencialmente virtual e descentrado, que não se determina pelo desmembramento de um tópico, mas pelo deslocamento indefinido por tópicos. É uma costura geral de discursos e não uma construção de um discurso unidirecionalmente ordenado. Contudo, mesmo passando para o leitor o controle cognitivo e informacional do hipertexto, ele não se constitui como um agregado aleatório de enunciados ou fragmentos textuais.

Em síntese, percebe-se que estudos sobre o hipertexto (BOLTER, 1991; LÉVY, 2007a; 2007b; MARCUSCHI, 2007; FERRARI, 2007) têm apontado seu caráter fragmentário, descontínuo e multisemiótico. Contudo, para Marcuschi (2007, p. 151), “a questão central será: *quais as condições da textualidade do hipertexto, tendo em vista as características acima apontadas?*”. *Qual a relação entre hipertexto e interatividade?* Questões a serem discutidas na próxima seção.

² Esta questão será melhor discutida na seção a seguir.

3 Interatividade e gênero digital

Nesta seção busca-se explicar sobre o conceito de interatividade e sua relevância para este estudo. A noção de interatividade tem sido amplamente discutida por diversos estudiosos de áreas como informática, comunicação social e lingüística aplicada (BOLTER, 1991; DILLON, 1996; GAGGI, 1997; JENSEN, 1998; JOYCE, 1995; WYNN & KATZ, 1997). Entretanto, conforme explica Jensen (1998, p. 185), os pesquisadores parecem não conceber claramente o significado dessa idéia.

Jensen (1998, p. 201) entende interatividade como “[...] a capacidade de um meio de comunicação de permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou na forma da comunicação³”. Essa definição apresenta-se compatível com a proposta por Silva (2001, p. 5), que define interatividade como “o modo de comunicação que propicia, aos participantes de um evento comunicativo, a construção colaborativa de significados”.

Laurel (1991, p. 20) explica a noção de interatividade com base em quatro critérios: (a) a frequência com “que se pode interagir ou se interage”; (b) a variação “de escolhas realmente disponíveis para a interação”; (c) a significação “ou efeito da escolha sobre um problema” e (d) a participação, segundo a qual o sujeito usuário “se sente como participante da interação ou não”.

Nesse sentido, a noção de relações dialógicas de Bakhtin (1998; 2000; 2003) parece estar relacionada à noção de interatividade. O processo de interação entre os sujeitos de um evento social, segundo postulados da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin, refere-se à capacidade dos interlocutores de negociarem dialogicamente a construção de sentidos. No caso do gênero jornalístico digital, cabe refletir sobre a possibilidade do usuário-leitor compartilhar do processo de (re)construção de sentido(s) do texto, e, portanto, participar de sua posição discursiva de autoria.

A fim de compensar a unilateralidade da comunicação mediada pelo gênero, o autor desta precisa explorar as potencialidades do hipertexto e transformar-se num (re)construtor do meio eletrônico. Para compreender as possibilidades interativas da notícia mediada pelo computador, é preciso entender as especificidades do texto eletrônico, sua hipertextualização (MARSHALL, 2005).

³ “[...] a measure of a media’s potential ability to let the user exert an influence on the content and /or form of the mediated communication”.

A hipertextualização, segundo Lévy (1996, p. 45), produz uma mescla e uma indistinção entre atos de leitura e de escritura. Ao navegar em um hipertexto, o usuário determina (Cf. seção anterior) a direção de sua navegação entre os nós dialógicos que o compõem, os *hyperlinks*, organizando-os como lhe convém e, assim, construindo significados em colaboração com o criador daquele hipertexto. Nas palavras de Lévy (1999, p. 57), “[...] o navegador participa, portanto, da redação do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocado em jogo, cada qual à sua maneira, a combinatória entre os nós”. Neste sentido, o texto é resultado “de uma leitura particular de um hipertexto”.

Sob essa perspectiva, a fim de criar uma situação enunciativa que promova a interatividade entre os sujeitos usuários, o autor do gênero se utiliza de diversos recursos eletrônicos que dispõe e apresenta ao leitor um texto dialogicamente tecido por uma rede de fios específicos a serem explorados com profundidade a partir dos *hyperlinks* oferecidos. Segundo Wynn e Katz (1997, p. 15), precisamente porque o leitor não está escaneando um documento linear, mas selecionando tópicos para perseguir, o desafio do autor da notícia, como um (re)construtor do meio eletrônico, é explorar esta capacidade proporcionando ao leitor mais do que a página plana.

Cordone (1998, p. 6) enfatiza que o texto hiperlincado é a indicação de uma porta de entrada para mais informações, para um ato funcional. O texto hiperlincado, dessa forma, “não apenas descreve uma ação, mas representa e contém a ação em si” (CORDONE, 1998, p. 6). Com isso, pode-se compreender que o *hyperlink* apresenta-se como uma ponte de diálogo entre a rede de textos que se entrecruzam na construção discursiva do hipertexto.

Segundo Marshall (2005, p. 46), um *hyperlink* parece representar, antes de tudo, “um convite ou uma proposta ao leitor para visitar ou acessar outros *sites*, nos quais poderá obter mais informações, enviar e-mails, participar de *chats*, realizar compras pela *www*, etc. ainda que não haja um convite expresso literalmente”.

Além disso, conforme estudos de Hendges e Motta-Roth (2000, p. 81), são inúmeras as potencialidades de democratização da interação realizada/ construída no ciberespaço. Por exemplo, as autoras, particularmente, discutem o papel da comunicação acadêmica no ambiente digital e a transformação do quadro atual de distribuição e consumo de textos no ciberespaço.

Para Miller e Arnold (2003, p. 75-76), embora os autores dos gêneros nos diversos sítios jornalísticos digitais não possam caracterizar especificamente seus leitores, diferentes pesquisas, tanto no meio eletrônico quanto em ambientes diversos, têm facilitado na projeção dos leitores dos jornais virtuais. A esse respeito, Bakhtin (1998; 2003) postula que todo enunciado possui um autor, assim como todo enunciado está dirigido ao outro. Todo autor possui uma projeção do seu interlocutor, mesmo que seja uma projeção potencial.

Sob essa perspectiva, pode-se entender que a comunicação no ambiente virtual favorece e constrói-se por meio de ações interativas. Conforme propõe Lévy (1999, p. 126), “[...] a Internet é um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional [...]” O autor percebe que “o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”.

Para Marshall (2005, p. 48), “a efetivação da interatividade depende da maneira como recursos do texto eletrônico e da internet são empregados pelos participantes de um determinado evento comunicativo”. Nesse sentido, com base nas discussões sobre o ciberespaço e o discurso do meio digital e inter-relacionando tais explanações com pressupostos teórico-metodológicos da ADD, objetiva-se, a partir deste estudo, investigar os efeitos de sentido dos hipertextos nos gêneros em ambiente virtual, descrevendo e interpretando sua significação na discursividade do gênero.

4 Efeitos de Sentido dos Hipertextos nos gêneros da Web

Nesta seção de discussão da análise, buscaremos relacionar os achados deste breve estudo com as pesquisas de Koch (2005) e Marcuschi (2008) sobre o mesmo tema. No presente estudo, identificamos os efeitos de sentido dos hipertextos quanto a:

4.1 Efeito Dêitico

Denominamos de efeito dêitico a função dos hipertextos de indicar, localizar e direcionar o leitor para determinados caminhos de leitura e busca de informações. São efeitos de focalização de atenção, apontando direções e exercendo caráter catafórico, posto que conduzem o leitor para fora do texto que está na tela. Koch (2005, p. 65) pontua que,

Pode-se mesmo afirmar que os *links* dêiticos são táticas discursivas que permitem cercar determinado problema por todos os possíveis ângulos e perspectivas, já que a

indicação linkada se dá geralmente entre hipertextos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se ou refutando-se, reafirmando-se ou contradizendo-se.

Em síntese, da mesma forma que os dêiticos discursivos, os hipertextos projetam localizações específicas de acesso do leitor com a sequenciação do texto, permitindo sua atuação de construtor do que pretende ler.

4.2 Efeito Coesivo

Denominamos de efeito coesivo, a função de entrelaçar as informações textualizadas no texto de forma coerente e, portanto, compreensível. Porém cabe ressaltar a importância de perceber as limitações de exploração dos hipertextos nessa rede coesiva, como afirma Koch (2005, p. 65):

[...] se um link leva a outro, que, por sua vez, leva a outro e assim sucessivamente, é possível que venha formar-se uma grande conexão em cascata, que, de tão extensa, pode perder-se no horizonte, numa vinculação sem fim. Por essa razão, acessar e explorar o hipertexto não é tarefa fácil, exigindo um bom controle do hiperleitor na construção de uma continuidade de sentido.

4.3 Efeitos de Negociação e de Cooperação

Denominamos efeitos de negociação e de cooperação, a função dos hipertextos de permitir que o leitor negocie e coopere com a construção do texto que irá ler. O leitor não mais segue uma seqüência linear de leitura, como nas práticas de ler textos em suporte impresso, mas caminha por diversas direções de acesso ilimitado.

4.4 Efeitos Intertextuais

Na sua busca de conexões entre textos, por natureza e essência, o hipertexto apresenta-se como fundamentalmente intertextual. “Por ser um texto múltiplo, funde e sobrepõe inúmeros textos, textos simultaneamente acessíveis ao simples toque do mouse” (KOCH, 2005, p. 68).

4.5 Efeitos Dialógico-Valorativos

Primeiramente entendendo que por relações dialógicas, compreendemos os entrecruzamentos entre discursos e por valoração, os índices sociais de valor que saturam nossos discurso, podemos afirmar que os hipertextos projetam determinados efeitos dialógico-valorativos. São efeitos produzidos pela adição de hipertextos que complementam as informações apresentadas, direcionando o leitor a determinados sentidos e não a outros. É quando o hipertexto que se enquadra no texto da tela, projeta uma determinada posição axiológica de concordância, discordância, refutação, adesão, dentre outras reações-ativas no leitor.

4.6 Efeitos de Topicalidade/ Topicidade

Para Koch (2005, p. 68), podemos entender a topicalidade na hipertextualização, compreendendo que “cada tópico carrega consigo um conjunto de relevâncias tópicas, as quais, ainda que de modo bem amplo, definem o conjunto de soluções possíveis ao problema que ele coloca.”

Em outras palavras, os efeitos de topicalidade compreendem na monitoração do leitor quanto à seleção de focos de conteúdo, porções hipertextuais que devem merecer sua consideração na leitura.

4.7 Efeitos de Informatividade

Como bem pontua Koch (2005, p. 68), “o hipertexto caracteriza-se também por um alto grau de informatividade, já que permite ao hiperleitor, de maneira não-trivial, uma busca quase infinita de informações não-previsíveis e não-redundantes no universo de textos que compõem.”

4.8 Efeitos de Encapsulamento

Os hipertextos provocam efeitos de “encapsulamento de desejos”, à medida que gera no leitor a vontade de seguir os caminhos sinalizados. Os hipertextos sinalizam caminhos em determinadas seqüências do texto, buscando projetar reações no leitor.

4.9 Efeitos de Formulação de Hipóteses

Para Koch (2005, p. 66), “o leitor formula mentalmente uma série de hipótese sobre o que poderá encontrar, ou seja, antes mesmo de acionar o mouse, o leitor vai fazer inferências sobre o conteúdo central com que se vai defrontar ao seguir essas pontes virtuais.”

4.10 Efeitos de Relevância

Os hipertextos funcionam como pistas apresentadas ao leitor para que este busque as informações necessárias relevantes para solucionar seus problemas no alcance de seus objetivos durante a leitura.

Em suma, o que buscamos nesta breve discussão sobre efeitos de sentido dos hipertextos é procurar entender seu funcionamento nos gêneros da web. Concordamos com Marcuschi (2008), ao afirmar que tais efeitos seguem parâmetros variados: sociais, lingüísticos e cognitivos. O que objetivamos, não foi de taxonomizar efeitos, mas considerá-los como um todo na construção de sentido dos hipertextos na discursivização dos gêneros da Web.

Considerações Finais

Neste estudo, procuramos apresentar uma breve discussão da definição dos hipertextos e sua respectiva constituição e funcionamento em relação direta com a produção e circulação de gêneros no ciberespaço. Para tanto, revisitamos pesquisas de lingüistas aplicados, semioticistas, comunicadores sociais e sociólogos, além de especialistas em tecnologia da informação com o objetivo de não apenas entendermos os diferentes pontos de vista sobre o mesmo objeto, como, em adição, tecer relações dialógicas que pudessem enriquecer a discussão sobre o tema.

Em conclusão, compreendemos que os hipertextos constroem diferentes efeitos de sentido na discursivização e na construção lingüístico-textual dos gêneros da Web, direcionam o leitor a determinados caminhos de construção de sentido, como saturando esses caminhos de valores axiológicos específicos e singulares a sua significação.

Referencial

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOLTER, J. D. **Writing Space. The Computer, Hypertext, and the Hystory of writing**. Hillsdale: LEA, 1991.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDONE, P. **A Short Analysis of Verbal and Visual Elements in the English of WWW**. First Monday, v. 3, n. 11, 1998. Disponível em: <http://firstmonday.org/issue/issue3_11/cordone/index.html>. Acesso em 29/08/2008.

DILLON, A. **Myths, Misconceptions, and Alternative Perspective on Information Usage and the Eletronic Médium**. In ROUET (et alli.), 1996, p. 25-42.

FERRARI, P. (orgs.). **Hipertexto, Hipermídia – As Novas Ferramentas da Comunicação Digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

GAGGI, S. **From text to hypertext. Decentering the Subject in Fiction, Film, the Visual Arts, and Eletronic Media.** University of Pensylvania, 1997.

HENDGES, G. & MOTTA-ROTH, D. **Padrões de Citação em Artigos Acadêmicos Eletrônicos: *When less means more.*** Revista Expressão, Santa Maria, v. 1, n. 2, 2000, p. 76-83.

JENSEN, J.F. **Interactivity. Tracking a New Concept in Media and Communication Studies.** *Nordicom Review*, v. 12, n. 1, 1998, p. 185-204. Disponível em:<<http://www.nordicom.gu.se>. Acesso em 28/08/2008.

JOYCE, M. **Of Two Minds. Hypertext Pedagogy and Poetics.** The university Of Michigan Press, 1995.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os Segredos do Texto.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LAUREN, B. **Computers as Theaters.** Massachusetts: Adison Wesley, 1991.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999/2007a.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996/2007b.

MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da Linguagem.** Rio de Janeiro : Lucerna, 2007a.

_____. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais.** Rio de Janeiro : Lucerna, 2007b.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARSHALL, D. **Pesquisadores da linguagem no Ciberespaço: Um Estudo sobre o Gênero *Home Page Pessoal.*** Dissertação de Mestrado, Santa Maria:UFSM, 2005.

MILLER, H & ARNOLD, J. **Self in the Web Home Pages: Gender, identity and Power in Cyberspace**. 2003. Disponível em:<www.vepsy.com. Acesso em 29/08/2008.

SILVA, M. **Sala de aula Interativa: A educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. Disponível em:<www.rbc.org.br. Acesso em 27/08/2008.

WYNN, E. & KATZ, J. E. **Hyperbole over Cyberspace: Self-presentation and social boundaries in Internet home Pages and discourse**. *The Information Society*, v. 13, n. 4, 1997. Disponível em:<www.usyd.edu.au. Acesso em 29/08/2008.